



USP ESALQ – DIVISÃO DE COMUNICAÇÃO

Veículo: Celulose Online

Data: 16/09/2016

Caderno/Link: <http://celuloseonline.com.br/estudo-internacional-adverte-sobre-possiveis-efeitos-das-acoes-humanas-em-florestas-tropicais/>

Assunto: Estudo internacional adverte sobre possíveis efeitos das ações humanas em florestas tropicais

Estudo internacional adverte sobre possíveis efeitos das ações humanas em florestas tropicais

16/09/2016 – Nem só de combate ao desmatamento sobrevivem as florestas tropicais. Estudo assinado por 18 instituições internacionais, dentre elas a Escola de Agricultura “Luiz de Queiroz” (Esalq) da USP, mostrou que é preciso considerar outras ações humanas sobre a perda da biodiversidade da Floresta Amazônica.

Exploração madeireira ilegal, incêndios florestais, poluição do meio ambiente e fragmentação de áreas florestais remanescentes são o que os cientistas chamam de “perturbação antropogênica”; ou seja, ações humanas que de alguma forma desarranjam a ordem natural das florestas.

De acordo com os pesquisadores, é preciso repensar as leis e estratégias de conservação das florestas tropicais, uma vez que os efeitos das perturbações antropogênicas resultam em perda de biodiversidade comparável àquela causada pelo desmatamento.

O estudo “Perturbação antropogênica pode ser tão importante quanto o desmatamento na condução de perda de biodiversidade tropical” mediu o impacto das ações humanas a partir da análise de 1.538 espécies de árvores, 460 de aves e 156 de besouros encontrados na Amazônia paraense.

O professor Silvio Frosini de Barros Ferraz, docente da Esalq e um dos cientistas que integraram a pesquisa, conta que houve intenso trabalho de campo nas florestas dos municípios paraenses de Paragominas e Santarém por cerca de um ano. O estado foi escolhido por apresentar um gradiente de perturbações ainda recente, o que, segundo Ferraz, o torna ideal para este tipo de estudo.





Cooperação internacional

Publicado na *Nature*, principal revista científica internacional, o estudo é fruto da Rede Amazônia Sustentável (RAS), um consórcio de instituições brasileiras e estrangeiras, coordenado pela Embrapa Amazônia Oriental, Museu Paraense Emílio Goeldi, Universidade de Lancaster (Reino Unido) e Instituto Ambiental de Estocolmo (Suécia).

De acordo com Ferraz, o grupo inicial foi formado por pesquisadores da Embrapa, Reino Unido e USP e vários outros pesquisadores se associaram ao longo do projeto. “A USP participou do delineamento experimental, processamento de dados, análises e redação do artigo final”, esclarece o professor. Questionado sobre o financiamento do estudo, Ferraz não confirma a participação da USP, mas garante que ele veio de “diversas fontes”.

Espécies ameaçadas

A pesquisa também mostrou que as espécies com risco de extinção iminente foram as mais atingidas pelas perturbações causadas por atividade humana. Mais de 10% das espécies de aves do planeta estão abrigadas no estado do Pará, sendo que muitas delas são endêmicas – restritas à essa região – o que agrava a situação.

Conhecido mundialmente pela riqueza de sua fauna e flora, o Brasil tem travado uma luta contra a extinção de suas espécies nativas. O número de animais ameaçados de extinção aumentou 75% entre 2003 e 2014, segundo dados de 2014 do Ministério do Meio Ambiente (MMA). O MMA e o Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio) apontam que mais de mil animais estão nessa situação, no País.

Dentre estas espécies, estão a arara vermelha, boto cachimbo, ariranha, jaguatirica, doninha amazônica, lobo-guará, macaco-prego, peixe-boi da Amazônia e o pica-pau-de-cabeça-amarela, todas encontradas na Floresta Amazônica.

Em contagem feita pelo Comitê Brasileiro de Registros Ornitológicos (CBRO), o Brasil figura como segundo país mais rico em aves do planeta, com 1.832 espécies. Apesar disso, o país também está no topo de países com o maior número de aves em ameaça, de acordo com a União Internacional para a Conservação da Natureza (UICN).

Fonte: [JornalDoCampus](#)